



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Eixo Temático: Educação e Formação de Professores

ESCRITAS ANTROPO(GRÁFICAS) E FORMAÇÃO DOCENTE

Jonathan Taveira Braga¹

RESUMO

Este trabalho pretende a cartografia de uma proposição vivencial, intitulada: *Antropo(grafias) - ateliê de devorações escritas*. Caracterizadas como espaços para invenções coletivas e experimentações escritas, as *Antropo(grafias)* e seus ateliês itinerantes pretendem contribuições éticas-estéticas aos processos de formação docente, tendo como horizonte conceitual o pensamento da filosofia da diferença e os processos de subjetivação na contemporaneidade. Na composição deste texto, uma pergunta aciona produções e direciona o olhar sobre tais experimentações: o que pode um/a professor/a com a prática da escrita enquanto acontecimento inventivo e cooperativo? Com essa inquietação e vivência, acontecimentos *antropo(gráficos)* acionaram movimentos de criação e partilhas, resistindo às estratégias que configuram uma crise das sensibilidades nas micropolíticas atuais, através de encontros com gestos, imagens, sons e palavras, e possibilitando proliferar exercícios intensivos de escuta e constituição de si.

Palavras-chave: Formação. Subjetivação. Escrita. Acontecimento. Antropo(grafias).

INTRODUÇÃO

O presente trabalho situa-se dentro das problemáticas éticas e estéticas que envolvem os processos de subjetivação no contexto contemporâneo da produção de pensamentos em torno da educação. Para pensar uma perspectiva de formação docente comprometida com estratégias de resistência ao diagnóstico atual de crise das sensibilidades (ROLNIK, 2018), foram propostos momentos-oficinas enquanto espaços de invenção coletiva, intitulados: *Antropo(grafias) - ateliê de devorações escritas*. As *Antropo(grafias)* configuram, temporariamente, um laboratório itinerante a percorrer diferentes contextos em que a formação docente é tema e motivo, possibilitando experimentar processos de criação em torno da pergunta: **o que pode um/a professor/a com a prática da escrita enquanto acontecimento inventivo e cooperativo?**

¹ Docente de Artes Visuais no IFSC/ Campus Criciúma e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV/ UDESC) na Linha de Ensino das Artes Visuais, <jonathan.braga@ifsc.edu.br>.



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Em termos de uma perspectiva de formação como movimento constante e ininterrupto de produção de subjetividades, Jorge Larrosa (2004) convida-nos para uma atenção às experiências em seu sentido etimológico: uma forma de abertura, atitude de escuta e inquietação; possibilidade de configurar estilos ou modos de existência. Como afirma Larrosa, “o indivíduo só pode ser alguém no interior de alguma configuração formal. O homem é criador de formas e, ao mesmo tempo, é criado por elas” (p. 290). O domínio de análise, subjacente a essa perspectiva, consiste em prestar atenção às práticas culturais “nas quais se estabelecem, se regulam e se modificam as relações do sujeito consigo mesmo e nas quais se constitui a experiência de si” (LARROSA, 1994, p. 44). Entender a formação como invenção e experiência de si, implica pensarmos em práticas que não apenas objetivam sujeitos, mas fundamentalmente os subjetivam através da mediação de certas relações da pessoa consigo mesma e, sobretudo, com universos outros. Implica, portanto, pensar em práticas que não prescrevem, mas encaminham posições e elaboram regras para a maneira como a pessoa vai dando palavras para o sentido e o não-sentido em um determinado campo de experiências. Implica uma ética, na medida em que elabora um cuidado de si inseparável de uma relação de alteridade; como também uma estética, pela possibilidade de configurar um estilo, um modo de vida.

Junto a esta perspectiva, observamos com atenção as análises micropolíticas dos processos de produção de subjetividades que se querem singularizantes (GUATTARI; ROLNIK, 2005). O jogo de tais processos de produção consiste em capturas constantes, as quais tendem alienação e opressão - “na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe” -, ou expressão e criação - “na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade” com vistas à potência de singularizar-se, permitindo a produção de outras maneiras de perceber, sentir, desejar, criar sentidos (Idem, p. 42).

Contornar a presença da palavra e suas mutações em um momento-oficina, consiste na possibilidade de criar condições para que a experiência de si possa devir sujeitos, linguagens, outros sentidos e valores. Momento-oficina visto como espécie de laboratório criativo para a produção de pensamentos em torno de um tempo-experiência. Tempo-experiência, por sua vez, como uma *forma-em-ação*. Ao conceber tais espaços-tempos, podemos acionar diferentes dispositivos que atravessam a prática docente num lugar que se pretende o conhecer a si mesmo



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



em exercício com a alteridade. Prática esta que requer estratégias de imersão, disposições e condições para a proposição de experiências que possam se configurar singularizantes.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As marcas, resultantes de uma relação intensiva com o mundo, portam um modo próprio de se configurar enquanto território, podendo compor arranjos temporários e outras estratégias específicas de vivências e partilhas. O procedimento da cartografia entra nessa relação como uma ferramenta importante na configuração de uma subjetividade aberta aos fluxos e forças, sensível também às formas em processos de transformação (COSTA, 2014).

A apropriação do termo cartográfico do campo da Geografia, para Gilles Deleuze, está ligada a uma experimentação do pensar. Segundo ele, as linhas são elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos, e como tal, podem ser abstratas ou não, segmentadas, dimensionais, direcionais (DELEUZE, 1992, p. 47). Numa extremidade, as linhas articulam-se, segmentam-se, estratificam-se, territorializam-se – campo das formas; em outra, escapam, fogem, borram, desconfiguram, produzem vibrações – campo das forças. Nessa última possibilidade, as linhas delineiam uma experimentação ancorada no real e não no contorno de suas representações; encontram-se em contexto de abertura, conectáveis em múltiplas dimensões, desmontáveis e suscetíveis de constantes modificações.

Essas últimas linhas de forças e fugas apresentam-se em estado de vulnerabilidade: rasgos, reversões e adaptações de qualquer natureza espreitam outros possíveis e ganham corpo, possibilitando contágio e contaminação. Podem também ser preparadas por indivíduos, grupos e formações sociais. E podem ser desenhadas em uma parede, enquanto obra de arte, e construídas como ação política ou meditação (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22). Tais linhas cartográficas compõem-se de agenciamentos, os quais podem ser estratificados, portanto, molares, reduzindo a experimentação do desejo a uma divisão preestabelecida; ou então, moleculares, em que somos apanhados por um certo desequilíbrio que nos faz fugir do agenciamento que nos estratifica, liberando um poder de afecção que torna possível trazer de volta a potência de sentir e pensar (ZOURABICHVILI, 2004, p. 21-22).



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Numa perspectiva da experimentação, os agenciamentos, esse composto de linhas de articulação e linhas de fuga, o qual traduz velocidades e intensidades em meio a um processo cartográfico (ZOURABICHVILI, 2004, pp. 8-11), enriquecem a concepção do desejo como problemática de produção: possibilidade de tornar visível algo invisível. Assim como as paisagens psicossociais, a cartografia “acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros” (ROLNIK, 2007, p. 23).

Por natureza teórica, agenciamentos cartográficos seriam da ordem do acontecimento, impossibilitando previsões e controles. “O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera” (DELEUZE, 2011, p. 152). Tal procedimento não é visto como uma metodologia rígida com etapas pré-formuladas, mas possibilita uma efetuação através do relato sobre as experiências atravessadas em um determinado campo de atuação e relação com o mundo. Uma prática flexível e atenta à experimentação capaz de expressar as linhas de forças da experiência. Trata-se, sobretudo, daquilo que acontece e só pode ser produzido a partir de bons encontros; modo de exercitar uma teoria das forças, constituir um corpo sensível à criação enquanto resistência a um contexto de adoecimento da subjetivação. Trata-se sobretudo do estar-juntos na travessia de acontecimentos produtores de diferença, aliando processos de criação e cooperação coletiva.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em suas múltiplas realizações, o *Ateliê de devorações escritas – Antropo(grafias)* – percorreu diferentes universidades, cidades, estados, países e atravessou os caminhos de diversas áreas das licenciaturas. Já foi composta por pedagogas/os, direcionada exclusivamente para estudantes de filosofia, letras, história, biologia; digerida por professores de Artes das mais distintas linguagens e pesquisadores de diferentes trajetórias. Confluência de encontros de vida e investigação, suas andarilhagens abraçaram também diferentes propositores e propositoras. Há nessa coletividade ainda outras áreas como a da geografia, da educação física, matemática, artes visuais, direito. Como recorte, proponho aqui um acontecimento específico, ocorrido no



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

CIÊNCIA, DEMOCRACIA E DECOLONIALIDADE: CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



ano de 2022 por ocasião do XI Colóquio Internacional de Filosofia e Educação, realizado presencialmente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Campus Maracanã).

Naquela ocasião, foram propostos três dias de ações dentro do evento. A pergunta norteadora dessas ações consistia num convite à experimentação escrita com e a partir das grafias, suas imagens, sons e ruídos: **o que pode um acontecimento na (con)fabulação de si?** Para tanto, o espaço de proposição havia sido reconfigurado para comportar o primeiro dia de ação. Na sala que outrora configurava-se como sendo de aula – carteiras enfileiradas, lousa, mesa, computador e palco para o professor – duas paredes, levantadas em lona preta, cortam o espaço em quatro partes, de cima do teto à base do chão. As carteiras, agora, encontravam-se organizadas em grupos de seis, direcionadas para o interior angular das paredes móveis e escuras, de modo que todos os participantes que ali habitavam esse lugar efêmero não possuíssem a visão de nenhum outro participante, restringindo-se àqueles que ocupavam o mesmo quadrante.

Ao entrar nesse ambiente de provocações, percebe-se uma mesa com diferentes ferramentas: lápis, pincéis, potes de tintas, tesouras, barbantes coloridos, colas, sacos com temperos, chás e ervas diversas. Em algumas paredes, bocas enormes são impressas e coladas em cartazes fotocopiados. Em outras, as carteiras são empilhadas, formando um espinho volumoso com seus tubulares, ferros, plásticos e madeiras. No projetor de vídeos, outra enorme boca gesticula incessantemente uma fala que pouco se ouve. Boca sobre fundo preto. Saliva, grita, vibra, treme e se movimenta. Em alguns momentos conseguimos ouvi-la também a pronunciar algumas palavras ininterruptas, num fôlego só.

Para a criação dos *ambientes antropo(gráficos)*, os sons e ruídos, dentre outros múltiplos estímulos, são atenções importantes. Às vezes, as vozes declamam leituras que caminham pelo espaço sob diferentes pernas; outras, são liberadas em gravações de áudio e/ou musicalizadas. As primeiras referem-se a trechos da literatura, citações filosóficas, algo que de um lado toca o ato da escrita e, de outro, refere-se à produção de mundos e suas digressões, a partir dos referenciais de cada grupo-propositor que compõe certa experimentação. As segundas, músicas que versam sobre o paladar, sobre respirar e comer, sobre experimentar a língua na língua, em banquete coletivo ou refeição individual. Diferentes vozes preenchem o ambiente, cantam e anunciam uma relação comum: o ato de devorar como possibilidade criativa



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



– política, ética e estética. A sequência de áudios diversos inclui trechos de entrevistas, depoimentos públicos, vozes e cantos indígenas, para além do acervo de músicas e textos que versavam sobre a característica antropofágica na cultura brasileira. Um aparelho de som amplificava nossas vozes e gerava ecos e distorções nas leituras declamadas. Pessoas entravam, caminhavam em torno da estrutura em lona e saíam constantemente do espaço; outras permaneciam imóveis nas cadeiras disponíveis. Algumas pessoas até arriscavam uma contribuição, ao perceber que o alvo do encontro era de fato as limitações de uma parede escura a propor alguma perturbação.

Aos poucos, concomitantemente às declamações e sonoridades, fomos preenchendo a superfície da lona com palavras, textos impressos, desenhos e linhas. E aos poucos, também abrindo pequenas brechas por entre aquela superfície opaca, através de cortes e rasgos na lona. Tudo acontecendo sem nenhuma orientação prévia ou formalidades explicativas, conforme nos portamos enquanto propositores-participantes também daquela ação. Algo que toca bastante o que Gilles Deleuze propõe com a ideia de aprender: “faça comigo”, antes que “faça como eu” (2006, p. 48).

Enquanto alguém cortava pequenos buracos que fendiam as grafias registradas de um lado da parede de lona, outra pessoa costurava um corte atravessado e já realizado anteriormente por um terceiro do outro lado. Era uma tarefa de composição e destruição conjunta, numa harmonia orgânica e concentrada. As interações se davam sobre a lona, em torno dela e para ela. As conversas entre todos eram mediadas por algo que se passava na lona, seja cortando o feito de outrem ou acrescentando novas grafias sobre aquelas já postas. A prática escrita se dava ali por um corpo que se move e busca algo numa estrutura dada, a ser modificada, transformada, deglutida e recriada.

Quando as paredes em lona foram modificadas, a ponto de desaparecerem e romperem os limites perceptivos, já não havia mais ninguém no ambiente naquele dia de encontro no Rio de Janeiro. A estrutura escura desfez-se em retalhos, remendos, cortes e rupturas. Agora estava suspensa sobre as cordas que antes suportavam o bloqueio perceptivo. Formava uma espécie de teia entre o teto e o chão da sala, flutuando densamente sobre o espaço. As duas linhas cruzadas amarradas nas extremidades da sala, dividindo o quadrante, concentravam parte daquilo que



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



sobrou do plástico escuro, agora enrolado e retalhado. Bocas impressas em folhas adesivas, de variados tamanhos, foram abandonadas por todo o ambiente acadêmico.

E ali permaneceram... Em outros momentos, aqueles resquícios suspensos em linhas, seriam um imenso “X” sobre as cabeças dos alunos enquanto uma professora leciona sua aula; uma estrutura flutuante, expressão de uma incógnita, vestígios de uma ação em outros tempos, para muitos que iriam fazer uso do espaço de maneira convencional em diferentes oportunidades para além daquela primeira experimentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experimentações *antropo(gráficas)* tratam da possibilidade de criação enquanto novas composições de encontros para uma presença sensível que resiste aos apelos de homogeneização e controle em um contexto capitalístico financeirizado, colonial e cafetino, cujo regime de inconsciente e desejo estaria no centro de investimentos e estratégias de produção, fomentando uma série de sintomas pelo modo abusivo com que mobiliza forças vitais de criação e cooperação (ROLNIK, 2018, p. 37). Como sinaliza Peter Pal Pelbart, “todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação” (PELBART, 2003, p. 23).

Pensar tais forças parecem urgentes neste cenário contemporâneo da produção de subjetividades, pois criar e cooperar mobilizam não só a afirmação de determinado mundo como possibilitam a invenção de outros. Se há estratégias para conformar desejos a práticas vigentes, há também outras que pretendem conduzir para lugares de estranhamentos e inquietações ainda não nomeadas e perceptíveis, pois são de outra ordem e qualidade. A começar pela própria ideia de criação presente nos discursos sobre inovação e empreendedorismo sob a cunha de criatividade. Como sugere Paola Zordan (2010), antes que criatividade, pensemos na potência do acontecimento criar. Distante da associação entre criar e relacionar/ estruturar/ ordenar/ significar e comunicar, antes, “é preciso sair das dimensões cognitivistas, ontológicas e fenomenológicas dos estudos sobre criação, para pensar o que é o criar enquanto acontecimento produtor de diferença (ZORDAN, 2010, p. 63).



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Com Gilles Deleuze (2011b) podemos ainda pensar que criar numa perspectiva produtora de diferença está mais próxima da ação de diagnosticar as forças em jogo numa superfície de criação. Deleuze, quando trata da pintura antes do ato de pintar, propõe que a ação do pintor seria menos a de preencher uma superfície branca que “esvaziar, desimpedir ou limpar uma superfície” (p. 151). Antes de reproduzir algo do mundo que funcione como modelo, o pintor busca, ao contrário, desmantelar as relações entre pintura e mundo, surpreendendo as conexões que se querem verdadeiras, similares, coerentes com as formas naquela superfície branca e já previamente povoadas por marcas e identidades. A luta contra o clichê, contra o povoamento prévio das superfícies, é também uma luta por se diferenciar de relações recorrentes entre as coisas e suas representações. Talvez aí já se configure alguma resistência. Pois, nos propõe ainda Deleuze, “criar não é comunicar mas resistir” (DELEUZE, 1992, p. 179). E resistir às forças já presentes em determinada superfície de criação consiste numa atenção importante para olhar o modo abusivo com que estratégias de um “inconsciente colonial-capitalístico-cafetinístico” se apropria das potências de invenção e as desassocia daquelas da resistência (ROLNIK, 2008).

Nos exercícios e procedimentos vivenciados nas *Antropo(grafias)*, podemos nos atentar às múltiplas potências das linguagens, suas transformações e proliferações, sem dar ou pretender de antemão o lugar de chegada. Processos estéticos, éticos e micropolíticos que se constroem, se perdem, se reconstroem nos limiares do acontecimento: exercícios cartográficos, intensivos, moleculares, sensíveis.

Trata-se, sobretudo, de uma experiência de estar junto numa geografia dos encontros: criação situada entre percepções e sensações nos impactos sofridos por um território subjetivo e existencial. Longe mesmo de sugerir produções em determinados gêneros literários, a proposta *antropo(gráfica)* coloca em jogo modos de atenção para as maneiras como nomeamos o sentido e o não-sentido daquilo que nos atravessa, nos dá forma e nos situa entre campos de forças, nos encaminhando ao imprevisível das invenções coletivas. Isso significa que o *locus* das proposições não se situa em um produto final, mas no processo que leva a cada produção, sempre múltipla, polifônica, flexível, vulnerável.

Enquanto momentos que buscam as potências do encontro, os acontecimentos *antropo(gráficos)* pretendem a configuração de um espaço inventivo em cujo interior



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



proposições são lançadas, espaços são reorganizados, lugares são deslocados para que outros possíveis possam emergir, darem corpo e expressão aos diferentes afetos provocados. Algo de irrepetível, do intempestivo, do caos presente nos murmúrios e gritos do mundo: partilhas sensíveis a romper o silêncio da imprevisibilidade; ruínas do ego e questionamentos em torno do desmoronamento do sujeito cognoscente; outros modos de acolher a diferença na diferença; produções vibráteis a ressoar no oco da boca, no eco das pontas dos dedos, nas linhas dos movimentos dos pés a bailar novos contornos de si com e a partir de outrem.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisa. In: **Revista Digital do LAV – Santa Maria**, vol. 7, n. 2, pp. 66-77, maio/ago. 2014.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- _____. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Lisboa: Orfeu Negro, 2011b.
- _____. **Diferença e repetição**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- _____. **Lógica do sentido**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995. p. 11-37.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, T. T. da. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86.
- PELBART, Peter Pál. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina/Ed. UFRGS, 2007.
- ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- ZORDAN, Paola. Criação na perspectiva da diferença. In: **Revista Digital do LAV – Santa Maria**, vol. 5, n. 5, pp. 62–74, set. de 2010.
- ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.